

Amor e sintoma

Os laços do amor e o nó do sintoma

BERNARD NOMINÉ

Proponho este título atrativo, os laços do amor e o nó do sintoma, porém não sei se conseguirei resolver essa questão. Ela é parte de uma constatação simples: o amor é um laço que parece muito mais frágil que a relação que prende o sujeito a seu sintoma. Quantas vezes não se vê um homem deixar uma mulher por uma outra pensando enfim haver encontrado “a boa”, ou seja, o objeto de amor ideal. Contudo, não se trata disso, surgiu apenas a ocasião de repetir a relação de sempre com a mulher-sintoma de seu gozo. Costuma ser um impulso mais comum no sexo masculino, mas não exclui que uma mulher possa fazê-lo também, embora não com a mesma frequência.

Se quero comparar o laço do amor com o nó do sintoma, é preciso distingui-los primeiro. Embora isso seja possível, talvez seja, por um lado, artificial, porque sem dúvida há muitas maneiras de amar; além do mais, espera-se que uma análise possa ter algum efeito neste nível e que a maneira de amar, ao fim de um tratamento, não seja idêntica àquela do começo.

Fiquei surpreso com essa sugestão lançada por Lacan, ao fim de sua “Nota Italiana”, na qual evoca a possibilidade de ir além da relação clássica que o imaginário tem com o real e o simbólico – isso que define para ele o amor em sua função de nó inconsciente – para tornar o “amor mais digno do que essa profusão do palavrório”.¹

Devo a Colette Soler ter sublinhado esta fórmula enigmática, pois me deu vontade de decifrá-la e comentá-la.

Os termos no início dessa passagem da “Nota Italiana” fazem referência ao fato de o amor poder enlaçar o inconsciente de cada um dos parceiros. “O saber do inconsciente designado por Freud é o que o *húmus* humano inventa para sua perenidade de uma geração à outra, e, agora que foi inventariado, sabemos que isso dá provas de imaginação desvairada”.² O *húmus* humano

¹ Lacan. Nota Italiana (1975/2003, p. 315)

² “Só é possível ouvi-lo mediante o benefício desse inventário: isto é, deixar em suspenso a imaginação que ali é curta, e pôr a contribuir o simbólico e o real que o imaginário une (por isso é que não podemos largá-lo de mão), e tentar, a partir deles, que apesar dos pesares passaram por suas provas no saber, aumentar os recursos graças aos quais venhamos a prescindir dessa relação incômoda, para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório que ele constitui até hoje.” *Ibid.*, p. 315

não é inventado pela mesma parte que inventa cada sujeito. Esta funciona por si mesma e a parte de cada sujeito é muito reduzida. Tal proposição retoma a idéia já presente desde o início do ensino de Lacan, nomeadamente nos “Complexos familiares”, no qual Lacan evocava “as harmonias mais obscuras que fazem da carreira do casamento o lugar de eleição do cultivo das neuroses, depois de haverem guiado um ou ambos os cônjuges para uma escolha divinatória de seu par complementar, correspondendo aos anúncios do inconsciente num sujeito, sem intermediação, os sinais pelos quais se deixa revelar o inconsciente do outro.”³ Encontraremos essa idéia bem mais tarde em “O Seminário, livro 20: Mais, ainda”: Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes.⁴

³ Lacan. Complexos familiares (1938/2003, p. 89)

⁴ Lacan, “O Seminário, livro 20: mais ainda”, 1973/1982, p.197.

Não podemos entender o saber inconsciente a não ser sustentado pela imaginação, que é curta, e colocando a contribuição do simbólico e do real nos quais o imaginário se ata. Este texto tão condensado pode ficar claro com a leitura do seminário em curso à época da Nota Italiana.

Efetivamente, na seção de 18 de dezembro de 1973, do Seminário *Les non-dupes errent*⁵, Lacan trabalha a questão do amor com a ajuda de seu nó borromeano. Cada um dos três pode ser considerado um meio para enodar os outros dois. Define o amor como sendo a situação em que o imaginário é tomado como meio para enlaçar o real, representando a morte, enquanto o simbólico está lá especialmente na palavra de amor, para suportar o gozo.

⁵ Lacan, O Seminário, livro 21: os não tolos erram. Inédito.

Mais precisamente, o amor é o dizer que faz acontecimento; surge do imaginário tomado como um meio para enodar o real ao saber. “O amor não é mais que um dizer, enquanto encontro. Esse dizer do amor se endereça ao saber que está no inconsciente. Ou seja, a esse nó de ser que motiva o inconsciente.”⁶

⁶ Lacan, “Le Séminaire, livre 20, Encore”, 26 de juin 1973, p.131.

Para retomar os termos da “Nota Italiana”, precisamos saber se a psicanálise pode suspender esse modo do imaginário enlaçar o simbólico e o real; se ela pode colocar esse real e esse simbólico a contribuir e “tentar, a partir deles, que apesar dos pesares passaram por suas provas no saber, aumentar os recursos graças aos quais venhamos a prescindir dessa relação incômoda para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório.”⁷

⁷ Lacan. Nota italiana (1975/2003, 315).

Essa ‘profusão do palavrório’ expõe-se ordinariamente, na maioria das vezes, sobre o muro do discurso amoroso, no qual

os significantes copulam como no baile dos incoerentes, drama bem parisiense de Alphonse Allais onde o templário *fin de siècle* reconhece sua parceira no seu passo de piroga congoleza, como lhe havia sido anunciado pelo seu inconsciente, pela via da carta anônima.⁸

Cada um imagina assim encontrar-se com cada uma, em uma perfeita tolice. A única chance que Alphonse Allais deixa aos apaixonados é o momento no qual faz cair suas máscaras, isto é, quando o que fazia a imagem se desenlaça: ele não é Raul e ela não é Marguerite.

Se há necessidade da máscara para o encontro acontecer, o encontro supõe que se conheçam além do sentido dado à palavra conhecer na tradição bíblica, ou seja, aprender juntos o que cada um é no contato carnal. Nós, psicanalistas, não acreditamos que o encontro sexual possa dar lugar a um conhecimento recíproco e simétrico. Aliás, este é mesmo o sentido do famoso “Não há relação sexual”. E um homem pode pretender conhecer uma mulher porque fez amor com ela? É provável que nisso uma mulher vá além, não somente a propósito de seu parceiro, mas a propósito dela mesma.

Essa dessimetria de conhecer é flagrante quanto à estrutura da libido dita masculina. Uma das condições da orientação dessa libido em direção ao objeto é o desconhecimento. Édipo não sabia quem era a mulher com a qual se deitava, mas não é certo que Jocasta não soubesse que se deitava com seu filho.

Encontra-se mesma dessimetria na fábula de Diotima. Para que Eros visse a luz do dia, precisou dessa troca de lugar operada pela astuta Penia. Ela precipitou Poros ao lugar de *éras-tès* e se insinuou, sem ele saber, ao lugar de seu *érôménos*. Essa troca de lugar é a condição necessária ao nascimento do amor. Podemos experimentar escrever isso e logo ver surgir alguma dificuldade.

Em um primeiro momento, Penia está no lugar de *éras-tès*, ela a quem falta tudo, e que espera à porta de quem tem tudo, situa-o, então, como seu *érôménos*.

Penia
éras-tès

Poros
érôménos

⁸ O autor faz referência à peça do escritor e humorista francês, Alphonse Allais que apresenta-nos Raul e Marguerite, casados recentemente e que paira sobre eles uma suspeita de infidelidade. Ele recebe uma carta dizendo que sua mulher estará mascarada e disfarçada de piroga congoleza, no ‘baile dos incoerentes’ no Mouling Rouge.

Para nascer Eros, necessita-se de que Poros, sem o saber, encontre-se na posição de *érastès* e que tenha feito Penia seu *éromenos*, o que proponho escrever assim:

Poros
érastès \$

Penia
érômenos (a)

Essas duas fórmulas se parecem bastante, mas são bem diferentes. Na segunda fórmula, devo acentuar o fato de que Poros deseja sem o saber: \$, embora Penia soubesse o que visava desde o primeiro momento. E se o lugar de Poros representa o do sujeito inconsciente, Penia vai representar o lugar do objeto que causa, inclusive o desconhecido, seu desejo: *a*.

Se o amor implica uma mudança de lugar nos discursos, isso supõe que seja forçosamente recíproco. Essa reciprocidade não é mais do que aparente, pode-se concebê-la no nível dos significantes, ou seja, no nível superior desta escritura proposta por mim. Mas resta uma dessimetria no nível inferior, sustentadora da copulação significativa.

Inscrevi este laço social, o amor, sob a forma de discurso. Quando Lacan tomou esse suporte do discurso, em suas conferências à Saint-Anne, no ano de 1972, ele o comparou a um muro. O mesmo velho muro que Leonardo da Vinci recomendava a seus alunos observar bem, pois em suas fendas surgem as marcas de pólvora, com formas que evocam o dorso de um atleta, uma batalha naval ou qualquer outra coisa. O que aparecia sobre o muro tem um sentido, para nosso prazer. Mas há algo trabalhando atrás disso.

Na escritura proposta a vocês, isso que trabalha atrás do muro do amor, é a causa do desejo, esse famoso objeto *a*, que permite a Lacan esse jogo de palavras *l'(a)mur*.⁹

A *amura*¹⁰, em termos de barco à vela, define uma orientação, podemos navegar a bombordo-amura ou estibordo-amura segundo recebamos o vento a estibordo ou bombordo. A etimologia dessa palavra vem de um nome dado ao cordame que retém a vela e se solta ao vento, passando por um buraco no revestimento externo do barco: *ad murum* designava a corda que passava por esse buraco. Fazendo ressoar a *amura* e escrevendo (a)muro,

⁹ Em francês *l'amour* (o amor) faz homofonia com *le mur* (a parede, o muro).

¹⁰ O autor está incluindo um terceiro termo que também faz homofonia com amor e muro, *l'amure*. Ele vai explicar, no próprio corpo do artigo, o que é a *amura*.

Lacan faz ressurgir o muro do amor. E o faz retomando os versos de Antoine Tudal:

Entre o homem e o amor
Existe a mulher
Entre o homem e a mulher
Existe um mundo
Entre o homem e o mundo
Existe um muro.

Lacan acrescenta um sétimo verso para tornar o poema circular: entre o homem e o muro existe uma letra de (a)muro.¹¹

Havia uma época em que escreviam-se muitas cartas de amor, no papel, e não tinham mais do que um estatuto significante, tornarem-se objetos para colecionar, para formar maços de papéis, de preferência amarrados com laço, para poder, eventualmente, serem enviados ao outro, ou queimados.

Atualmente, sem dúvida, a carta de amor perdeu muito de sua função de objeto e se apresenta como um puro significante de vida efêmera, como um SMS sobre a tela de um celular: S ama S, que mensagem!¹² Perfeita simetria. Os amantes de hoje estão conectados permanentemente com seus pequenos aparelhos, e podem, verdadeiramente, imaginar-se fazer Um, não importa a distância que os separe. Com a carta de amor não era a mesma coisa. Precisava-se de um tempo para enviar, para receber, depois, do tempo de lê-la e relê-la – e ela podia ser bem longa.

Mas, escrevendo a carta de (a)muro, Lacan faz um pequeno buraco nessa tela, ou seja, sublinha que, no imaginário do amor, a carta está lá para esconder o muro sobre o qual ela se inscreve. Ao mesmo tempo, nos diz que o amor visa, também, além do significante do parceiro, a um real que indexa uma pequena letra, o *a*, o qual trabalha atrás do muro.

Dito de outra maneira, com o dispositivo dos discursos, vemos sobre o muro os significantes copularem amorosamente, na “profusão do palavrório”. A copulação é orientada, a verdade-amura, pelo objeto *a*. Mas é atrás do muro que ele está situado.

¹¹ Lettre, em francês, é tanto letra quanto carta. E novamente Lacan está jogando com amor e muro.

¹² O autor está marcando a homofonia entre *eme*, a letra M, e *aime*, ama, do verbo amar.

S1
\$

S2
a

O agente desse discurso, engajado sob a máscara do S1, não é o conhecimento do que o seu parceiro representa além da máscara do S2 que lhe corresponde.

Isto quer dizer que não importa que parceiro possa convir. Lacan faz uma brincadeira com esta charada: como um homem ama uma mulher? Resposta: ao acaso. É preciso o acaso para o encontro e, é claro, isso se opõe ao cálculo e à caça. Mas não é tanto assim isso de que não importa a mulher que ela vai convir, pois o que orienta essa história é o objeto *a*, cujas coordenadas são muito personalizadas. “O amor é o imaginário específico de cada um, isso que une um a certo número de pessoas, não escolhidas completamente ao acaso. Existe aí o poder do mais-de-gozar”.¹³

¹³ Os nomes do pai, 18 de dezembro de 1973.

Essa fórmula proposta por mim é a da libido masculina, único modelo que temos para descrever a libido. Ela pode nos permitir responder a questão ‘como uma mulher ama um homem’? Não verdadeiramente. E aí, mais uma vez, somos confrontados com a impossibilidade de escrever a relação sexual. Se nada impede uma mulher de se inscrever sob o S1 e de procurar seu parceiro como S2, então isso não nos diz nada sobre a especificidade do amor feminino.

Inicialmente, para responder de forma válida à questão, é necessário passar, com rapidez, em revista tudo quanto pode guiá-la conscientemente:

- o desejo de ser valorizada pelo amor de seu parceiro, é uma maneira de satisfazer a função fálica que se escreve $f(x)$ seja na ocorrência mulher de x ;
- o desejo de ter filhos;
- a necessidade de segurança.

É evidente que, na escolha amorosa, uma mulher calcula bem mais que um homem. Por isso há nas lendas mais feiticeiras do que feiticeiros. Atribui-se às mulheres o poder de fabricar filtros. Mas o amor não vem quando o procuramos, quando o calculamos, conforme Poros viveu, deixando-se “filtrar”, e isso vale para todos e todas. Entretanto, segundo Freud, a posição feminina se caracteriza pelo fato de que uma mulher procura e busca o amor, para com ele suprir sua falta fálica.

A teoria lacaniana é mais complexa, pois Lacan considera a

posição feminina para além da visada do falo. Procurando o amor, uma mulher procura junto ao Outro um significante para valorizar e suportar seu ser feminino que, de preferência, apresenta-se como o que descompleta esse Outro. Mas, ainda uma vez, uma mulher não encontra o amor quando ela o procura. Diria que uma mulher encontra o amor quando a relação com seu parceiro a torna Outra de si mesma.

Algumas podem enlouquecer com isso e, por motivo justo, pois elas perdem o seu rumo.¹⁴ O que norteia uma mulher e lhe permite não se perder é não ter sacrificado tudo e ter preservado seu próprio objeto atrás do muro, não o confundindo com aquele que ela representa no amor de seu parceiro. Isso pode levar algumas mulheres a dividir sua vida: um parceiro do amor e outro do desejo. É sua maneira de se virar com o não-todo.

Uma mulher, por exemplo, vem para a consulta profundamente deprimida após uma relação amorosa na qual ela havia arriscado de se perder, tendo dado tudo a um parceiro cuja psicose poderia ser decifrada *a posteriori*. Ela tem um marido que a ama, mas não o deseja. Felizmente, ele está lá para limitar com seu amor os excessos nos quais ela participa com o homem que procura e que encontra na psicose de seu amante. Mas a vida seria muito triste com o marido, se ela não tivesse essa loucura que vai procurar alhures.

Outra vem se queixar de ser prisioneira de uma relação com um homem do qual ela é somente a amante. Ele tem sua esposa e não pensa em deixá-la. Ela não pode contar com ele, mas ele quer poder contar com ela quando desejar. Ela se queixa dessa relação que a faz sofrer, mas não consegue interrompê-la. Esse é verdadeiramente seu sintoma.

A propósito do sintoma, justamente, no fim de certo tempo, ela reconhece um pequeno sintoma que queria muito poder abandonar: passa horas à frente do espelho, pressionando seus cravos, o que lhe deixa feias marcas, cobertas depois com maquilagem. Isso a ocupa muitíssimo, causa-lhe mal, mas não pode evitar. E fala exatamente nos mesmos termos sobre a relação com o homem. Poder-se-ia dizer que ela o tem na pele: "Eu lhe dou tudo, e eu nada tenho, a outra não lhe dá nada, mas ela tem tudo". A exigência de tudo dar-lhe tem proporcionado relações catastróficas com parceiros com os quais ela se envolve.

¹⁴ "Certains peuvent s'ém affoler et à juste tittre si elles y perdent leur amure."

Estas mulheres, que o amor põe em perigo, arranjam, cada uma à sua maneira, uma forma de encontrar um limite. A mulher histérica não tem tanto mal a se causar, está ao abrigo, porque a função de ser sintoma de um outro corpo não a tenta de modo algum.

Uma mulher é um sintoma para quem é atormentado pelo falo. Sabemos disso após Lacan lançar esta fórmula no seminário de 1975. Existem muitas maneiras de cernir a função do sintoma. Podemos escrevê-lo na estrutura da libido masculina; o sintoma se escreve.

S2
X

Uma mulher é suposta pelo homem como capaz de representar seu gozo. Por isso é escolhida por ele. Essa mulher-sintoma assegura uma função particular na constelação familiar, pois ela participa da função paterna, uma função do sintoma. É melhor que o pai tenha um sintoma, por mais que este não seja senão a perversão paterna¹⁵, “isto é, que sua causa seja uma mulher que ele arrumou para lhe gerar filhos e que, destes, quer ele o queira ou não, assuma cuidado paterno”.¹⁶

Com esta função de uma mulher-sintoma, Lacan acrescenta um quarto termo à tríade edipiana. Entre o pai, a mãe e o filho, acrescenta uma mulher com $f(x)$. Colocando um quarto círculo de barbante no patamar do nó borromeano ideal, de três.

Já em 1973, quando Lacan encarava o amor como nó borromeano no qual o imaginário enlaça o simbólico e o real, falava do fracasso desse nó. O nó ideal do amor não é senão um puro fracasso em relação ao que ele visa: o objeto a que desliza sempre fora do nó.

No seminário “O Sinthoma”, Lacan propõe, portanto, o nó a quatro para o sintoma. Coloquei-me a seguinte questão: será que estes dois tipos de nós propostos por Lacan, o nó do amor ideal a três, e o do sintoma a quatro, correspondem a duas maneiras de fazer existir o casal? Vista sob esse ângulo, a clínica da vida conjugal nos leva a crer que o nó mais sólido não é aquele do amor, mas, ao contrário, o do sintoma. É um fato: aqueles que não renunciam ao nó ideal do amor, passam seu tempo a fazer e

¹⁵ Aqui o autor faz referência ao jogo que Lacan faz com a homofonia entre *père-version*, versão do pai e perversão.

¹⁶ Lacan. *RSI*, 21 de janeiro de 1975. Inédito.

desfazer seu par, mas, observando-se de perto, nota-se que eles permanecem muito fiéis a seu sintoma.

Oponho o nó do amor àquele do sintoma para fins didáticos. Mas será possível sustentar que, quando um homem faz de uma mulher o seu sintoma, não entra nisso alguma dimensão amorosa? Não o creio. Mas este amor que participa do nó do sintoma, talvez seja "mais digno que somente a profusão do palavreiro" que se ostenta ordinariamente sobre o muro e que fecha o furo da não relação sexual.

À guisa de resposta, e para ilustração de meu propósito, poderia entregar-lhes algumas coordenadas clínicas recolhidas junto a um analisante que me demandou ajuda para resolver uma escolha particularmente corneliana.¹⁷

Esse homem procura uma análise porque está dolorosamente dividido entre seu amor pela mãe de seus filhos e seu desejo por uma outra mulher que o acaso fê-lo encontrar. A situação é bem mais dolorosa para ele, porque repete o seu sofrimento da infância ao saber da infidelidade crônica de sua mãe, que punha em risco o equilíbrio familiar. Deve ele seguir a lei de seu coração e repetir a conduta de sua mãe, que tanto o fez sofrer quando criança, ou deve seguir o ditame da razão, que o coloca ao lado de um pai virtuoso, mas cedendo sobre seu desejo e, portanto, deprimido? Ele se confia à psicanálise para resolver essa escolha particularmente difícil.

Num primeiro tempo, ele declina a série dos significantes que presidiram seus encontros amorosos. Por intermédio da irmã, ele encontrou aquela que se tornaria sua esposa. Ele a encontrou num baile, quando ela estava com um outro homem do qual parecia ser a vítima. Tendo salvo a pobre garota, ele a fez sua mulher, e depois a mãe de seus dois filhos. Mas, ao torná-la mãe, ela ganha poder e o desejo desse homem se enfraquece.

Nessa época, encontra no seu trabalho, uma jovem mulher que cria sozinha uma criança pequena e se apaixona loucamente por ela. Lá, ainda o significante de sua irmã se impõe, pois curiosamente esta jovem leva o prenome de sua irmã.

Para sair da escolha corneliana que o divide dolorosamente, ele decide deixar momentaneamente sua mulher e seus filhos sem, no entanto, ir viver na casa de sua amante. Por algum tempo, ele volta a viver na casa de seus pais. Lá, sente-se indignado

¹⁷ O autor se refere a Pierre Corneille, dramaturgo francês considerado o 'fundador da tragédia francesa'. Por causa da extensão e riqueza de sua obra, surgiu na França o adjetivo cornelliano para representar quando o indivíduo sente-se dividido em função de seu altruísmo, da grandeza de alma ou da integridade.

ao ver sua mãe dormir no quarto de seu pai e ele, no quarto do filho. Quanto a ele, propuseram-lhe o quarto de sua irmã. Tudo indica que os significantes copulam na desordem dessa família. Há certamente um pai, mas cuja função de sintoma não está assegurada. Desta maneira, o filho parece prisioneiro dessa cópula significante que lhe tece um destino.

Algum tempo mais tarde, quando tinha feito claramente a escolha de separar-se de sua esposa, faz o seguinte sonho: vê sua mulher num baile, de braços dados com um outro homem e isto o deixa louco de raiva. Compreende, então, que o que lhe falta para desejar sua mulher é o desejo de um outro. Tudo gira ao redor da figura do pai resignado cujo desejo estava enfraquecendo. Um pai que ele amava, esforçando-se para corresponder à demanda de ser seu campeão; um pai que ele sustentava, tomando seu partido contra a mãe leviana que o fazia sofrer. Ele tinha chegado à análise com este modelo do amor baseado no Nome-do-Pai, e descobria que o desejo estava do lado de sua mãe, que lhe servira de modelo para a função de seu sintoma.

“O sintoma é o que conhecemos melhor”, sustenta Lacan em *“L’insu que sait...”*. E, portanto, aventurando-se a conhecer a amante, o homem não entendia que reencontrava nela a mãe traumática da sua infância. Se a questão colocada é sobre o que um homem pode conhecer de uma mulher, fazendo amor com ela, há uma outra questão menos trivial: o que um sujeito pode conhecer de si mesmo, reencontrando seu sintoma no dispositivo da análise?

Lacan nos propõe uma resposta própria: “Conhecer significa saber lidar com seu sintoma, saber elucidá-lo. Saber desembaraçar-se com o seu sintoma, eis o fim da análise”.

Tradução: Eliane Menezes Carneiro

Revisão: Andréa Brunetto

referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. Nota Italiana (1975). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Complexos familiares. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques *Lés non-dupes errent*. Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 20: Encore* (1972-73). Paris: Seuil, 1975.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-77). Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 22: RSI* (1974-75) Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 23: Le Sinthome* (1975-76) Paris: Seuil, 2006.

resumo

Este artigo busca estudar a escolha amorosa em termos de discurso. SE o amor é um afeto recíproco, contudo as posições masculina e feminina não são simétricas, produzindo a escrita lógica da relação sexual impossível. O discurso amoroso se estabelece sobre esta impossibilidade. No encontro amoroso joga-se com o reconhecimento de dois inconscientes. Lacan acentuou essa versão do lado homem seguindo a tese freudiana da libido masculina. Do lado mulher é bem mais problemático. Mais tarde, Lacan se serviu da topologia dos nós para estudar o laço amoroso. O amor será um nó ideal, onde o imaginário enlaça o real e o simbólico. Mas, Lacan corrige rapidamente esta tese, remarcando que este nó ideal é sempre sem êxito. Por isso recorre-se ao sintoma como quarto termo para enodar os outros três. O recurso do sintoma coloca uma nova maneira de encarar a relação de um homem e uma mulher: que uma mulher seja um sintoma para um homem. Vem daí o subtítulo deste artigo: "os laços do amor e o nó do sintoma".

palavras-chaves

amor, inconsciente, discurso, nó e sintoma.

abstract

This article studies the love choice in speech terms. If love is a reciprocal affection, the masculine and feminine positions are however not symmetrical, producing the logical charter for an impossible sexual relationship. The love speech are established upon this impossibility. In the love encounter there is the recognition of two unconscious. Lacan has accentuated the version for the man side, following the Freudian theory of the masculine libido. For the woman side it is well more problematic. Later, Lacan made use of the topology of the knots to study the love bow. The love will be an ideal knot, where the imaginary ties the Real and the symbolic. But, quickly, Lacan corrects this theory, adjusting that this ideal knot is always unsuccessful. From where the resort to the symptom as the fourth term to stain the other three ones. This resort of symptom puts a new way to face a man's relationship with a woman: that a woman is a symptom for a man. From where the subtitle of the article: the bows of the love and the knot of the symptom.

key words

love, unconscious, speech, knot and symptom

recebido

10/01/2008

aprovado

15/02/2008